

## Mahler – a morte omnipresente

Cresceu numa aldeia e, como é costume nas aldeias, tinha-se uma noção clara dos fins para os quais a música era utilizada na sociedade, como marchar para a guerra, chorar os mortos, cantar a chegada das colheitas. Aprendeu canções muito cedo. Tinha um pequeno acordeão e costumava andar pela aldeia a cantar e a tocar essas canções. Consta que um dia, saiu de casa e seguiu os soldados com o acordeão, e foi assim que se apercebeu que era muito dotado musicalmente. Jovem, testemunhou a morte repentina de muitos dos seus irmãos. De catorze, nove morreram durante a sua infância.

Viu irmãos e irmãs serem levados de um dia para o outro pela porta das traseiras, para nunca mais voltarem.

A omnipresença das marchas fúnebres em todas as sinfonias mostra a morte sempre presente. O pai tinha fama de ser violento e Mahler presenciou cenas brutais entre os pais. Durante uma discussão, ficou tão assustado que saiu a correr para a rua, só parando para ouvir um realejo que o enfeitiçou na sua melodia tão rústica. Apesar do comportamento por vezes irracional, o seu pai apercebeu-se que o grande talento do filho só seria reconhecido no Conservatório de Viena.

As primeiras obras, como compositor, foram promissoras. Ganhou fama de conquistador tendo casos com conhecidas sopranos e em 1886, com 26 anos, escreve a primeira sinfonia “Titã”. O herói da história é o próprio Mahler na sua caminhada pela vida até à morte. Aquela harmonia de névoa e orvalho, fanfarras a tocar, um passarinho a cantar nos oboés, elevam o suspiro bem alto... Obra original a Primeira Sinfonia, é tratada como uma grotesca marcha fúnebre não podia ser compreendida pelo público que o evitava pensando que ele personificava a morte e que estava louco. Em 1895 Mahler sabe da notícia trágica de um seu irmão que se suicida, com um tiro na cabeça. Em Maio de 1897, foi nomeado Director musical da ópera de Viena com poderes quase ilimitados.

Despedia músicos sem escrúpulos e contratava outros. Muitos o odiavam, porque tinham medo dele. Em 1901 decidiu construir uma casa própria nas margens de um grande lago e, escolheu a Caríntia, a região mais solarenga de Áustria, onde havia uma floresta. Todas as manhãs caminhava sozinho para se inspirar chegando ao ponto de a cozinheira lhe levar o pequeno-almoço pelas traseiras da casa para não ser interrompido no trabalho.

Nesse mesmo ano, em Novembro, com 41 anos foi apresentado a Alma Schindler, com 22 anos de idade, pianista e compositora e uma das mulheres mais atraentes de Viena. Ficou rendido aos seus encantos. Ela sabia que ele era o maior músico de Viena e em quatro meses de convívio com Alma, Mahler passa os melhores dias da sua vida. A partir da 5ª sinfonia há uma mudança significativa na sua perspectiva artística. As suas sinfonias deixam de representar uma existência espiritual para se debruçarem sobre a experiência das tragédias humanas. Ele era um intelectual muitíssimo culto e lia em voz alta grandes clássicos, como Platão e Goethe, ignorando a presença da mulher. Foi um dos motivos porque o casamento havia de acabar mal. Dos dois filhos que tiveram, um morreu em circunstâncias bastante trágicas. Ficou obcecado por isso, e pela morte em geral que para ele era um tema recorrente na sua música. Abandonou tudo, deixando Alma a braços com o funeral. Disse-lhe

para vender a casa e partiu para as montanhas em busca de um conforto para o seu coração atribulado. Poucos meses depois da morte da filha foi-lhe diagnosticada uma doença cardíaca incurável. Uma nova crise conjugal obriga-o a consultar Freud. Vitimado na América em 1911 por uma angina estreptocócica, é levado com urgência para a Europa, morrendo em Viena pouco tempo depois. A música de Mahler é uma espécie de cornucópia interminável de magia. A sua música transporta-nos para descrições da natureza sublimes e para a permanência reveladora de uma alma que sente e que sofre tocada pelo feitiço da morte